UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

POLLYANA DOS SANTOS BIANO

O ATO DE CLASSIFICAR EM ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO:
UM INVENTÁRIO DISSIDENTE

São Cristóvão – SE
2024

POLLYANA DOS SANTOS BIANO

O ATO DE CLASSIFICAR EM ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: UM INVENTÁRIO DISSIDENTE

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientador: Prof. Dr. Vinícios Souza de Menezes

São Cristóvão – SE
2024

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

Biano, Pollyana dos Santos.
B578a O ato de classificar em Arthur Bispo do Rosário [manuscrito] : um inventário dissidente / Pollyana dos Santos Biano. – São Cristóvão, 2024.
36 f. : il. ; color.

Orientador: Dr. Vinícios Souza de Menezes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ciência da Informação, 2024.

1. Sistemas de classificação. 2. Organização do conhecimento. 3. Arthur Bispo do Rosário. 4. Personalidade sergipana. 5. Inventário. I. Menezes, Vinícios Souza de, orientador. II. Título.

CDU 025.4(=1:813.7)(083.82)
CDD 025.3 025.4

Ficha elaborada pela bibliotecária documentalista Joyce Dayse de Oliveira Santos (CRB-5/SE-002005)

O ATO DE CLASSIFICAR EM ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: UM INVENTÁRIO DISSIDENTE

POLLYANA DOS SANTOS BIANO

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Nota: 10,0

Data de apresentação: 03 de abril de 2024

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Vinícios Souza de Menezes
(Orientador)

_____

Profa. Dra. Stella Moreira Dourado
(Membro convidado – Externo)

_____

Profa. Dra. Glêyse Santos Santana
(Membro convidado – Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente por ter chegado até aqui, com um caminho embora não linear, mas que me possibilitou ser quem sou hoje. A minha mãe Rosa Cleia por todo amor, carinho, dedicação e paciência assim como ao meu pai José Batista, que pelo desvio do destino não pode me ver chegar até aqui, mas com certeza seria uma das pessoas mais alegres e entusiasmada assim como está a minha mãe. Agradeço também às minhas tias Maria da Conceição e Maria da Graças, assim como aos meus tios Gerivaldo e Wanderley, por todo o apoio. Agradeço aos amigos que fiz durante a graduação, Antony, Nathalia e Reinan pessoas as quais me ajudaram passar por muitos momentos durante a graduação. Assim como ao professor Vinícios, por sua paciência, dedicação e orientação nesses últimos períodos. E por fim, agradeço a todos que passaram diretamente e indiretamente nesses anos de graduação.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Rosa Cleia e ao meu pai, José Batista, meus dois grandes amores.

RESUMO

Partindo do pressuposto que a classificação é uma operação que se caracteriza pela compreensão do mundo, visando a sua ordenação e, posterior, orientação das ações humanas, a pergunta de partida desta pesquisa é: fundado na desrazão, na desordem e na desorientação linguística do mundo, como o esquema de classificação para o inventariamento do mundo desenvolvido por Arthur Bispo do Rosário acomete e desvirtua os planos cientificistas da classificação moderna? Este trabalho buscar investigar a abrangência do conceito de classificação para além das dimensões científicas, bibliográficas e documentárias, tendo como objetivo a comparação dos princípios de classificação presentes nos sistemas bibliográficos e no inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário. Tem como objetivos específicos: i) Representar os princípios do conceito de classificação; ii) Esquematizar as etapas sistêmicas dos esquemas de classificação bibliográfica, em especial, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU); iii) Apresentar os elementos classificatórios do inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário; iv) Associar comparativamente os esquemas sistêmicos e antissistêmicos visando demonstrar as semelhanças e diferenças entre as classificações analisadas. A metodologia desta pesquisa se caracteriza pela sua natureza qualitativa, com finalidade exploratória. A técnica de coleta de dados ocorreu via pesquisa bibliográfica nas seguintes plataformas de publicações acadêmico-científicas: Brapci, Oasisbr. Como resultado, foi possível identificar na obra de Arthur Bispo do Rosário que a classificação é um instrumento de representação das coisas decaídas do mundo. Entretanto, sua finalidade teleológica não está associada à recuperação desses objetos no mundo humano degenerado pelo pecado original, mas a classificação de Bispo do Rosário está destinada a orientar-nos para a redescoberta redimida desses objetos no reino dos céus, como também era a intenção de Francis Bacon, entretanto, pela via da ciência. Portanto, a classificação é um instrumento (*organon*) de redenção para o dia do juízo final. Neste dia de encerramento secular, Bispo do Rosário imaginou que de modo transcendente nos apresentaremos a Deus e renovaremos a vida de um modo adâmico.

Palavras-chave: organização do conhecimento; sistemas de organização do conhecimento; Arthur Bispo do Rosário; representação do conhecimento; sistemas de classificação.

ABSTRACT

Based on the assumption that classification is an operation characterized by understanding the world, aiming at its ordering and, subsequently, guiding human actions, the starting question of this research is: based on the unreason, disorder and linguistic disorientation of the world , how does the classification scheme for inventorying the world developed by Arthur Bispo do Rosário affect and distort the scientific plans of modern classification? This work seeks to investigate the scope of the concept of classification beyond the scientific, bibliographic and documentary dimensions, with the objective of comparing the classification principles present in bibliographic systems and in Arthur Bispo do Rosário's inventory of the world. Its specific objectives are: i) Represent the principles of the classification concept; ii) Outline the systemic steps of bibliographic classification schemes, in particular, the Dewey Decimal Classification (CDD) and the Universal Decimal Classification (CDU); iii) Present the classificatory elements of Arthur Bispo do Rosário's inventory of the world; iv) Comparatively associate systemic and anti-systemic schemes in order to demonstrate the similarities and differences between the analyzed classifications. The methodology of this research is characterized by its qualitative nature, with an exploratory purpose. The data collection technique occurred via bibliographic research on the following academic-scientific publication platforms: Brapci, Oasisbr. As a result, it was possible to identify in the work of Arthur Bispo do Rosário that classification is an instrument of representation of fallen things in the world. However, its teleological purpose is not associated with the recovery of these objects in the human world degenerated by original sin, but Bispo do Rosário's classification is destined to guide us towards the redeemed rediscovery of these objects in the kingdom of heaven, as was also the intention of Francis Bacon, however, through science. Therefore, classification is an instrument (organon) of redemption for the final judgment day. On this day of secular closure, Bispo do Rosário imagined that in a transcendent way we will present ourselves to God and renew our lives in an Adamic way.

Keywords: knowledge organization; knowledge organization systems; Arthur Bispo do Rosário; knowledge representation; classification systems.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	8
2	**O ATO DE CLASSIFICAR: ENTRE LUGARES E DISCURSOS**	10
3	**AS CLASSIFICAÇÕES CIENTÍFICAS: FRANCIS BACON E O LIVRO DA NATUREZA**	10
4	**SISTEMAS BIBLIOGRÁFICOS DE CLASSIFICAÇÃO: MEVIL DEWEY E PAUL OTLET**	12
4.1	**Classificação Decimal de Dewey (CDD)**	13
4.2	**Classificação Decimal Universal (CDU)**	15
5	**ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO E O INVENTÁRIO ANTISSISTEMÁTICO DO MUNDO**	17
6	**METODOLOGIA**	19
7	**ENTREATOS DA CLASSIFICAÇÃO: UM COMPARATIVO DO INVENTÁRIO DO MUNDO COM A ORDENAÇÃO CIENTÍFICA DO UNIVERSO**	20
8	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	28
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

A classificação do saber é uma das mais antigas operações do pensamento humano, sendo estudada por desde a Grécia Antiga através dos conceitos, categorias, seres, coisas e saberes. A classificação apresenta-se na sociedade de diferentes modos e através dos mais distintos campos do conhecimento. O processo de classificação tem por objetivo agrupar, pela via da semelhança, os distintos objetos, seres e conhecimentos produzidos pelos humanos. A taxonomia é o estudo geral das classificações. Essas podem ser sistemáticas, alfabéticas, sintéticas ou místicas, como a de Arthur Bispo do Rosário. Logo, as classificações são elaboradas conforme as circunstâncias históricas e as necessidades informacionais.

O presente trabalho está classificado na linha de pesquisa de produção e organização da informação do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe. Encontra-se dividido em oito seções: i) a introdução, com os marcos estruturais da pesquisa, ii) na segunda será discutido o ato de classificar, iii) na terceira seção será debatido as classificações científicas, especificamente a de Francis Bacon, que influenciou as classificações bibliográficas e documentárias, iv) na quarta seção serão abordadas as classificações bibliográficas de Melville Dewey e Paul Otlet, as mais adotadas no mundo bibliográfico-documental, v) será apresentada a classificação de Arthur Bispo do Rosário e o seu inventário antissistemático do mundo, um contraponto às classificações sistemáticas e hierárquicas de Dewey e Otlet, vi) a metodologia da pesquisa será exposta, vii) será apresentado o comparativo entre as classificações científica (Bacon), bibliográfica (Dewey) e documentária (Otlet) em relação com a antissistemática de Arthur Bispo do Rosário, e, por fim, viii) serão apresentadas as considerações finais a respeito da pesquisa.

Na biblioteconomia, o conceito de agrupar semelhantes para uma melhor recuperação bibliográfica pelos usuários é visto como um dos assuntos mais relevantes do tratamento informacional. O ato da classificação para os campos da biblioteconomia, arquivologia e ciência da informação é um “processo mental pelo qual as coisas são reunidas de acordo com suas semelhanças e separadas conforme suas diferenças” (Cunha; Cavalcanti, 2008, p. 84). O objetivo de reunir coisas semelhantes é um princípio classificatório presente no cotidiano de todas as sociedades ocidentais, visto que as classes sociais corroboram as estruturas de classificação do universo, sendo as condições sociais em que elas surgem, propriedades determinantes de um modo de classificar o mundo (Anjos, 2009). Desde um ponto de vista religioso, o texto de abertura da Bíblia cristã diz que Deus logo que criou o mundo, sentiu a

necessidade de classificar os seus elementos e determinar os seus propósitos (Simões, 2011). Portanto, o ato de classificar se apresenta de muitos modos como, por exemplo, na criação teológica do mundo, na classificação dos animais, nas classificações das classes sociais, nas classificações filosóficas, bibliográficas e, em um modo, muito específico de inventariar o mundo, como o de Arthur Bispo do Rosário, nossa delimitação temática.

A partir da amplitude do conceito de classificação, esta pesquisa se delimita tematicamente através da comparação entre a sistematicidade das classificações bibliográficas – oriundas das classificações científicas modernas –, e a antissistêmica classificação do inventário do mundo tecida por Arthur Bispo do Rosário.

Partindo do pressuposto que a classificação é uma operação que se caracteriza pela compreensão do mundo, visando a sua ordenação e, posterior, orientação das ações humanas, a pergunta de partida desta pesquisa é: fundado na desrazão, na desordem e na desorientação linguística do mundo, como o esquema de classificação para o inventariamento do mundo desenvolvido por Arthur Bispo do Rosário acomete e desvirtua os planos cientificistas da classificação moderna?

O presente trabalho tem como objetivo geral comparar os princípios de classificação presentes nos sistemas bibliográficos e no inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário.

Com este estudo pretende-se atingir como objetivo específico: i) Representar os princípios do conceito de classificação; ii) Esquematizar as etapas sistêmicas dos esquemas de classificação bibliográfica, em especial, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU); iii) Apresentar os elementos classificatórios do inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário; iv) Associar comparativamente os esquemas sistêmicos e antissistêmicos visando demonstrar as semelhanças e diferenças entre as classificações analisadas.

Esta pesquisa justifica-se: i) pela inserção na linha de pesquisa de produção e organização da informação, no eixo dos aspectos conceituais e históricos da produção e organização da informação, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe, ii) pelo ineditismo da abordagem comparativa da classificação no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação com a perspectiva classificatória dissidente de Arthur Bispo do Rosário, iii) pelo caráter de pertencimento da pesquisadora, filha da terra e conterrânea de Arthur Bispo do Rosário e, por fim, iv) pelas possibilidades culturais de desdobramento interdisciplinar da pesquisa.

O pressuposto da pesquisa parte da noção que a classificação é uma operação que se

caracteriza pela compreensão do mundo, visando a sua ordenação e, posteriormente, orientação das ações humanas. Partindo dessa pressuposição, a pesquisa compara os atos de classificar nas ciências e suas materialidades bibliográficas assim como no ponto de vista peculiar de Arthur Bispo do Rosário, visando compreender os diferentes modos do ato de classificar.

2 O ATO DE CLASSIFICAR: ENTRE LUGARES E DISCURSOS

Ainda que por vezes imperceptível, o ato de classificar está presente na vida cotidiana das pessoas. Para Grolier (1974, p. 19) *apud* Siqueira (2010, p. 40), "a classificação é um artefato cultural, já que resulta não só dos aspectos culturais, como das condições políticas, sociais, econômicas e de suas inter-relações". Na biblioteconomia, segundo Barbosa (1969, p. 13): "classificar é na realidade, a tarefa mais importante de uma biblioteca, pois constitui o meio pelo qual os livros são utilizados". Classificar vem do latim *classis*, formação coletiva em que se dividia o povo romano. Conforme Piedade (1983, p. 17), a reunião de vocábulos que configura a palavra classificar "foi cunhada por Zedler, em 1733, no Universal Lexicon, combinando as palavras latinas *classis* e *facere*, para apresentar uma divisão de apelações de Direito Civil e, só no fim do século XVIII, passou a ser empregada para a ordenação das ciências".

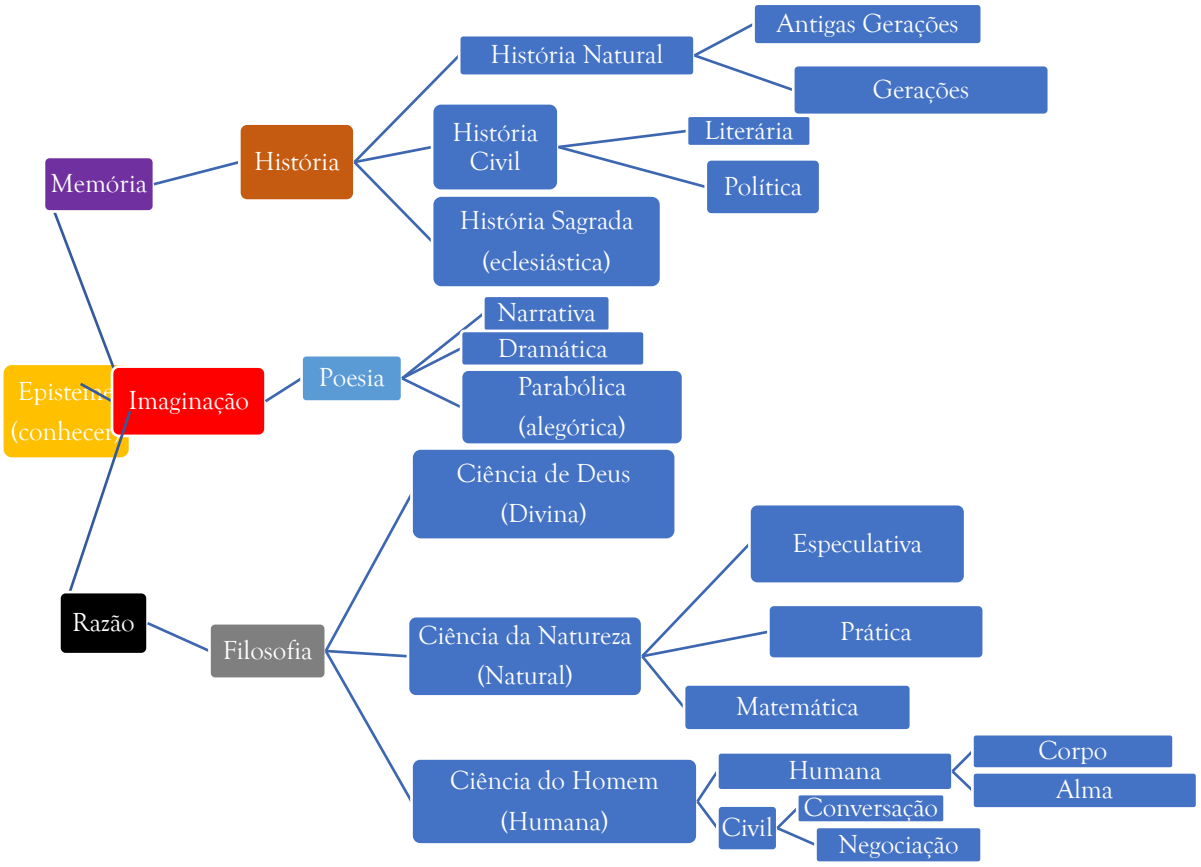
Na divisão dos cômodos de uma casa até as divisões sociais da sociedade, o ato de classificar auxilia a humanidade a ordenar seus pensamentos, seus coletivos sociais, seus seres, objetos e artefatos culturais como livros e documentos. Olga Pombo (1998, p. 1) argumenta que "nada nos parece mais 'natural', óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos" e, complementa, a filósofa portuguesa, "Elas [as classificações] constituem os pontos estáveis que nos impedem de rodopiar sem solo, perdidos no inconforto do inominável, da ausência de 'idades' ou 'geografias'." Portanto, seria através das classificações que nos orientaríamos no mundo, estabeleceríamos as semelhanças e diferenças entre os diferentes hábitos, costumes e crenças, reconheceríamos os lugares, os espaços, os seres.

3 AS CLASSIFICAÇÕES CIENTÍFICAS: FRANCIS BACON E O LIVRO DA NATUREZA

A classificação científica de Francis Bacon influenciou de maneira decisiva grande parte das classificações modernas, em especial, os sistemas de classificação bibliográficas e documentários. Bacon idealizou uma classificação dividida em três classes principais: memória (história), imaginação (poesia) e razão (filosofia). Segundo Sales (2017, p. 194), o princípio de classificação baconiana era baseado em "nas distintas faculdades mentais do homem" de sua época. Filha dos sistemas modernos de representação do livro da natureza, a classificação de Bacon é baseada no empirismo, partindo da teoria do conhecimento clássica-medieval que dizia que na cadeia de aquisição do conhecimento, primeiro o ser humano lembra, depois imagina e produz e, por último, raciocina. O empirismo manifestado nesta ideia é o de que o conhecimento ou a razão só seriam possíveis em decorrência da experiência criativa, representados na fórmula: memória-imaginação-razão.

A memória era representada pela classe História que encabeçava a estrutura classificatória de Bacon. A imaginação, representada pela classe Poesia, dialogava com a ação criativa e inventiva, o que induzia a uma razão, representada pela Filosofia. Abaixo, na figura 1, apresentamos de modo esquemático o sistema de classificação de Francis Bacon.

Figura 1 – Sistema de Classificação científica de Francis Bacon



Fonte: Elaboração da autora

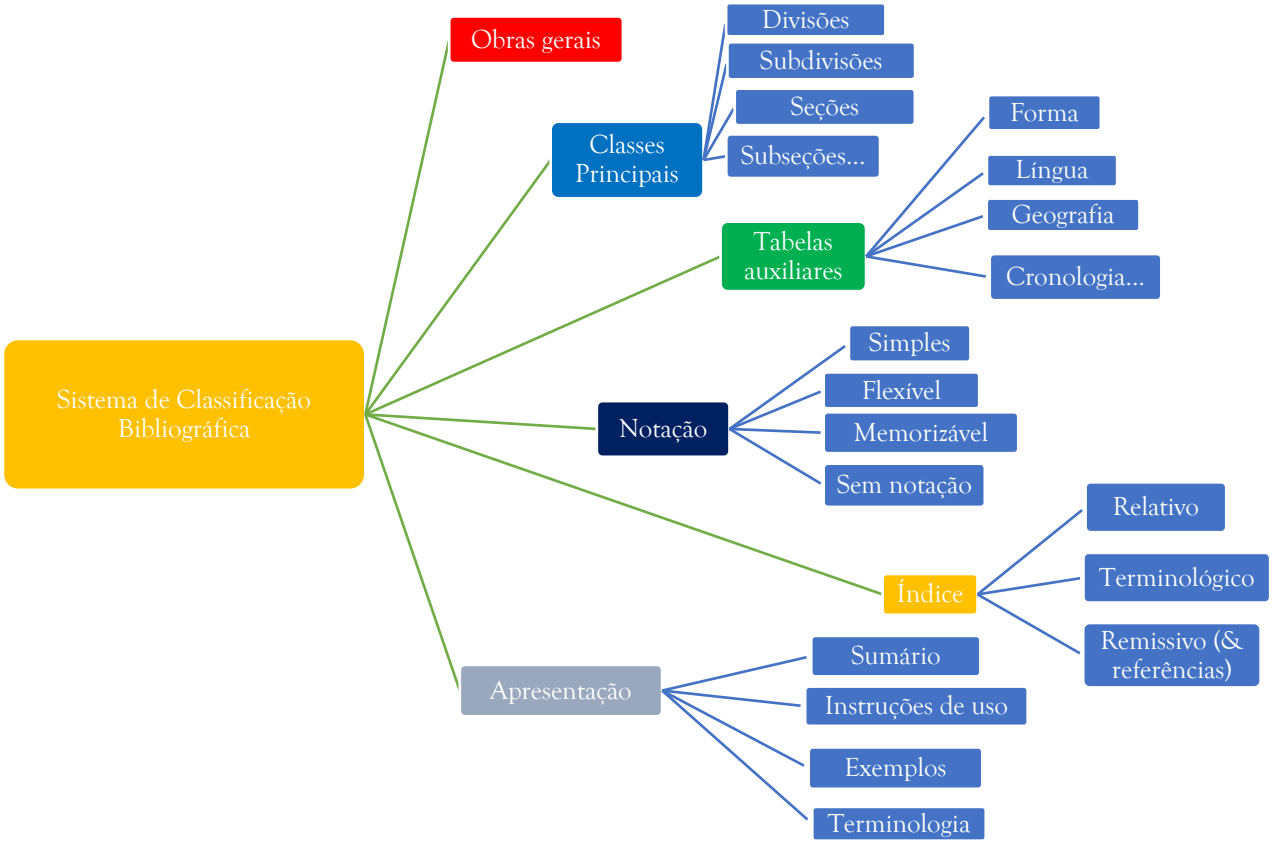
Francis Bacon via na orquestração da classificação das ciências um modo redentor de reestabelecer através do livro da natureza “o alfabeto e a linguagem perdidos com a queda, linguagem com a qual os homens nomeavam as criaturas e mantinham seu domínio de direito sobre o restante da criação” (Bacon, 1857, p. 224). Como um homem cristão, Francis Bacon via a organização e classificação das ciências como uma maneira de restaurar o fio de conexão perdido com Deus desde a queda e o pecado original. Como Deus fez o homem, a sua imagem e semelhança, Bacon sistematizou a sua classificação conforme as crenças e tecnologias do seu século. Em suma, a classificação das ciências de Bacon foi desenvolvida como um modo de restauração não apenas do conhecimento, mas também do poder humano sobre a natureza.

4 SISTEMAS BIBLIOGRÁFICOS DE CLASSIFICAÇÃO: MEVIL DEWEY E PAUL OTLET

Inspiradas pela classificação de Bacon, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) formulada por Mevil Dewey e a Classificação Decimal Universal (CDU) de Paul Otlet se notabilizaram por serem os sistemas bibliográficos de classificação mais utilizados no mundo. As classificações de Dewey e de Otlet guardam semelhanças. Enquanto Dewey, de maneira pragmática, utilizou a classificação de Harris como modelo, criando a primeira versão da CDD em 1876, Otlet utilizou o sistema de classificação de Dewey como referência e, em 1892, com fins bibliográficos pública a Classificação Decimal Universal (CDU). Os sistemas de classificação de Dewey e Otlet têm o objetivo de organização bibliográfica, assim identificando o assunto do documento e juntando seus semelhantes em um mesmo local.

Classificar é, portanto, para os sistemas bibliográficos, em especial a CDD e a CDU, “dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos” (Piedade, 1983, p. 16). Seguindo a obra de Piedade (1983), apresentamos abaixo a figura 2 com os elementos básicos de um sistema de classificação bibliográfica.

Figura 2 – Sistemas de classificação bibliográfica



Fonte: Elaboração da autora.

4.1 Classificação Decimal de Dewey (CDD)

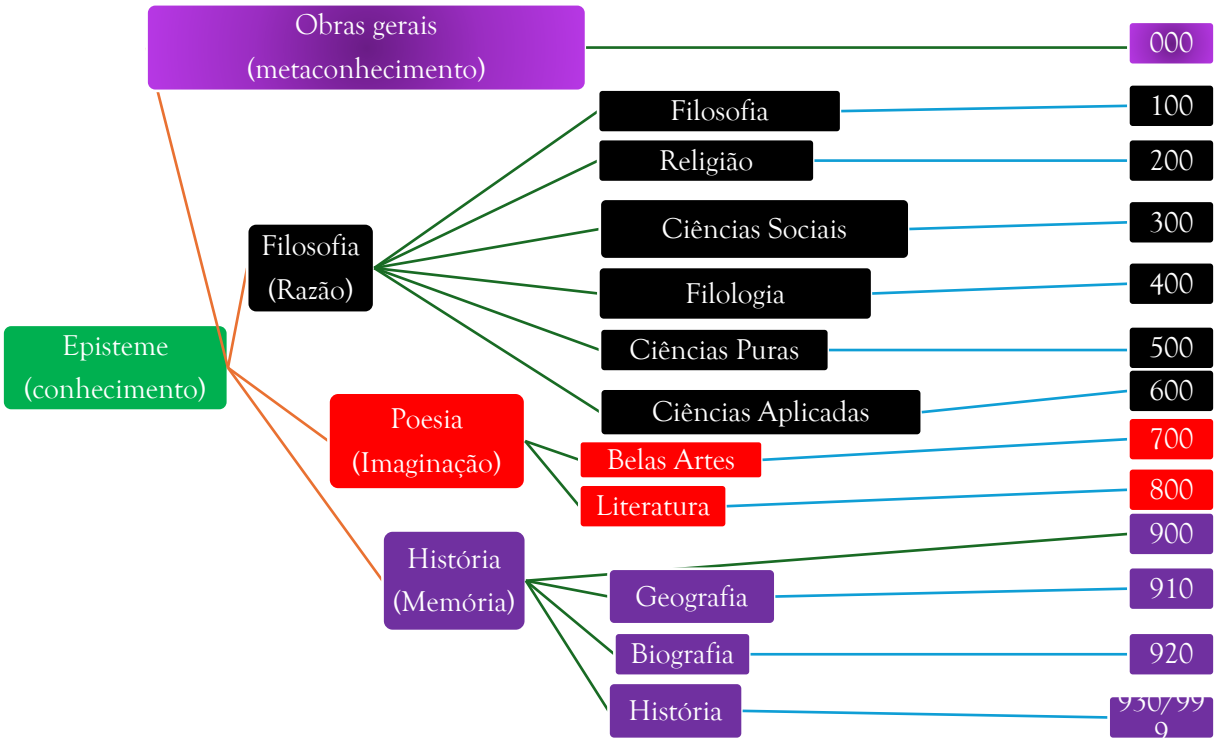
De infância humilde na cidade de Adams Station, em Nova York, Dewey nasceu em 1851 e tornou-se uma figura emblemática por sua eficiência. Dewey iniciou a faculdade em Amherst College, em Massachusetts, e por conta de problemas financeiros começou a trabalhar na biblioteca como auxiliar, logo percebendo a complexidade do processo de ordenação dos livros e a falta de padronização nesse processo, uma vez que cada biblioteca utilizava seu próprio sistema (Freitas; Morais, 2018). Após visitar várias bibliotecas e consultar muitos catálogos, Dewey resolveu criar seu próprio sistema, que foi amplamente aceito pelos usuários.

A CDD tem sua origem nas classificações filosóficas e científicas. Inicialmente publicada em anonimato, em 1876, a primeira edição levou o nome de *A classification and subject index for cataloging and arranging the books and pamphlets of a library* (Freitas; Morais, 2018). Tratava-se de um folheto com 42 páginas, sendo 12 de introdução, 12 de tabelas

e 18 de índice, apresentando o conhecimento humano dividido em cerca de 1000 classes. Dewey só irá assumir a autoria a partir da sua segunda edição, que foi publicada nove anos depois, em 1885. A partir da 16ª edição, o título da obra mudou para *Dewey Decimal Classification* (DDC), em português, Classificação Decimal de Dewey (CDD) (Piedade, 1983).

A CDD é dividida em dez classes principais. Na Figura 3, apresentamos a representação de todas as classes principais da CDD, ordenadas de modo lógico e hierárquico.

Figura 3 – Sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD)



Fonte: Elaboração da autora.

Seguindo o princípio da decimalidade e seus desdobramentos, as dez classes principais se subdividem em mais dez, as subdivisões em mais dez e assim sucessivamente, dando a impressão simbólica de um sistema infinito de representação. Dewey tinha um interesse grande pela educação e sempre empregou os lucros em novas edições, sendo a sua classificação muito utilizada principalmente em escolas públicas nos Estados Unidos. Determinado pelo seu tempo e pelos pensamentos racistas oriundos dos enfrentamentos entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, Dewey utilizou a CDD como uma idealização de suas crenças preconceituosas. Um desses exemplos é a classe 200 de Religião, onde a religião cristã é a mais desenvolvida e ocupa quase toda a extensão da classe. Conforme argumenta Miranda (2009) “as classes da

Classificação Decimal de Dewey não representam o etnoconhecimento. O uso da CDD provoca a dispersão semântica da informação relativa ao etnoconhecimento".

4.2 Classificação Decimal Universal (CDU)

Considerado um dos pais da Ciência da Informação, Paul Marie Ghislain Otlet nasceu em Bruxelas, Bélgica, formou-se em advocacia e tinha amplo conhecimento em várias outras áreas como sociologia, bibliografia, arquitetura e urbanismo (Zafalon; Sá, 2019).

A Classificação Decimal Universal (CDU) foi criada em 1892, por dois belgas, Paul Otlet e Henri La Fontaine com a finalidade de auxiliar a classificação dos materiais bibliográficos presentes no Repertório Bibliográfico Universal do *Institut International de Bibliographie* (IIB). A partir da falta de flexibilidade da CDD, a CDU tem o objetivo de melhorar o esquema de classificação da CDD e aprimorar a organização para uma maior precisão do controle bibliográfico.

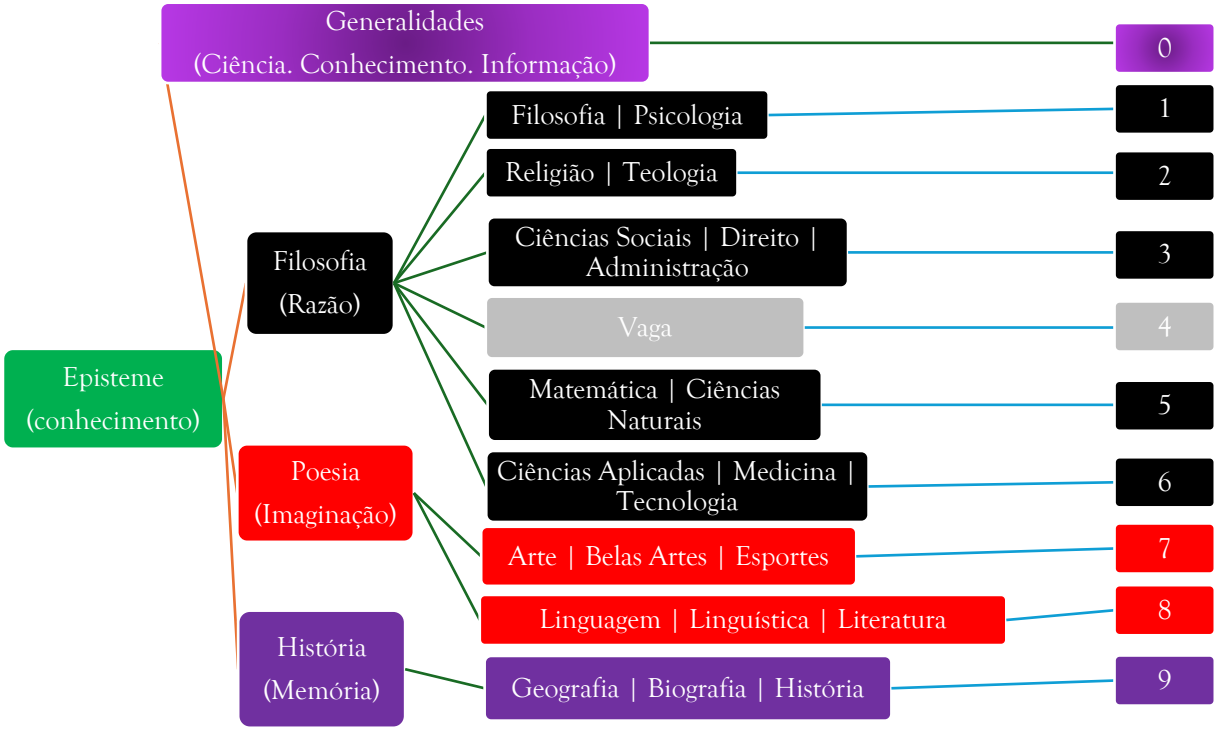
> Em 1905, foi publicada a primeira edição do novo sistema, contendo 33000 subdivisões e 40000 entradas no índice. Recebeu o título de *Manuel du Répertoire Bibliographique Universel,* pois destinava-se a servir de manual de trabalho para a compilação do Repertório Bibliográfico Universal (Piedade, 1983, p. 116).

Nos primeiros anos a CDU manteve as dez classes ocupadas, porém em 1963, deixou a classe 4 vaga, com a pretensão de que fosse ocupada por um assunto ainda não existente. A disciplina de Filologia que estava presente nesta classe, passou a ser incorporada pela classe 8. Assim como a CDD, a CDU também apresenta a decimalidade como princípio de classificação, nas quais as classes têm uma sequência hierárquica e sofrem a divisão decimal sempre se dividindo em dez novas seções. Porém, diferente de Dewey, Paul Otlet cortou os dois zeros iniciais das classes principais e adicionou sinais, símbolos e letras na síntese notacional da sua classificação, tornando o sistema mais flexível e se adequando às necessidades emergentes nos campos científicos, em especial, com o nascimento de novas áreas do conhecimento e das suas múltiplas relações interdisciplinares.

Otlet tinha o objetivo de representar todo o conhecimento humano e com isso, ordenado pela CDU, criar a *Bibliographia Universalis*, um conjunto de várias bibliografias especializadas

como a *Bibliographia Physiologica*, a *Bibliographia Zoológica* e a *Bibliographia Anatômica*, editadas pelo Concílio Bibliográfico de Zurique (Piedade, 1983, p. 116). E assim como outros sistemas forjados pelo emprego das crenças de seu criador, com a CDU não foi diferente. Embora tenha procurado especialistas para desenvolver um melhor sistema de classificação, existem áreas com lacunas de representação como, por exemplo, o conceito de mulher aparece apenas em três classes principais e nenhuma delas está relacionada ao trabalho, assim como a seção espírita e outros assuntos de origens não-ocidentais.

Figura 4 – Sistema de Classificação Decimal de Universal (CDU)



Fonte: Elaboração da pesquisa.

Portanto, seguindo a tradição classificacionista ocidental, Otlet replica o caráter sistemático da classificação científica de Bacon e bibliográfica de Dewey, para desta maneira propor a sua classificação documentária. Por classificação sistemática entende-se um esquema estruturado por classes que possuem relações temáticas interdependentes entre si. Em oposição ao perfil sistemático da classificação, Arthur Bispo do Rosário propõe um inventário de obras cujo caráter peculiar é a sua antissistematicidade, isto é, a não correlação entre os elementos por

não haver uma estrutura transparente de fundo onde ampara-se o corpo organizacional do seu intento.

5 ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO E O INVENTÁRIO ANTISSISTEMÁTICO DO MUNDO

Arthur Bispo do Rosário foi um homem negro, nordestino, sergipano, filho de ex-escravizados, mas que negava sua descendência (Hidalgo, 2011). Nasceu em 1909, em Japaratuba/Sergipe, e mudou-se para o Rio de Janeiro com 15 anos para servir à marinha, onde anos depois foi expulso por má conduta. Na noite de 24 de dezembro, véspera do Natal de 1930, Bispo foi preso e mandado para o Hospício, conforme o relato de Hidalgo (2011, p. 10):

> O dia 24 de dezembro de 1930 foi um divisor de águas psíquico para Arthur Bispo do Rosário. Os sinos dobravam para ele, os céus se abriram para referenciar sua majestade, mas ele acabaria sobe o domínio da autoridade máxima da terra. Despejado da sanidade, rendido a fantasias no centro do Rio, foi detido pela polícia e enviado ao hospício da Praia Vermelha. Numa noite de Natal, saltou o delírio para a realidade crua.

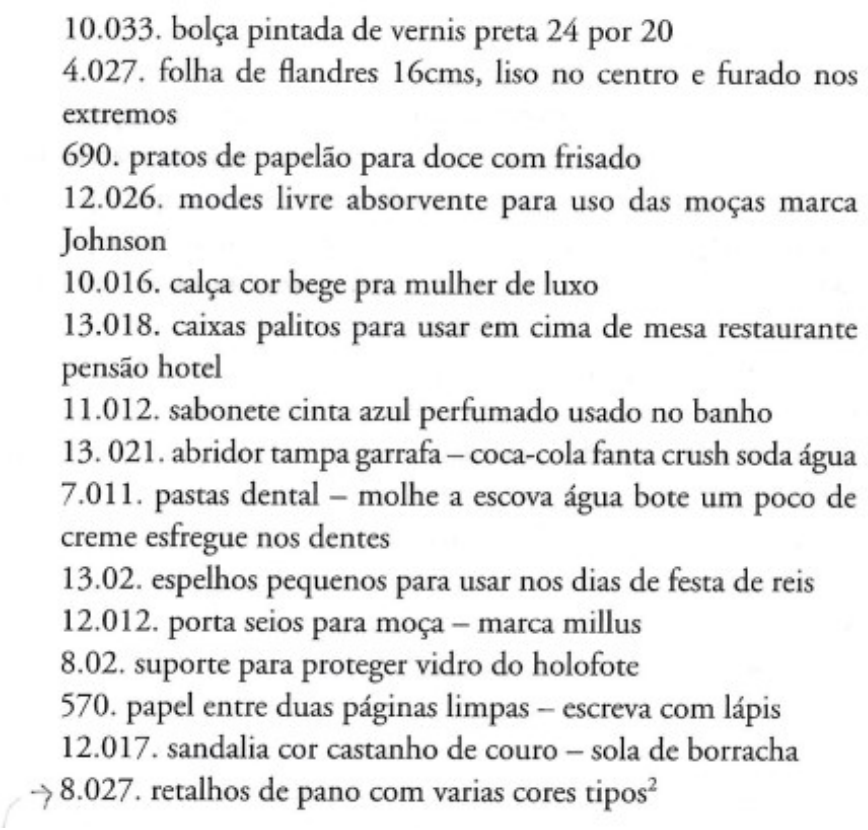
Esse delírio foi decisivo na vida de Bispo, uma vez que depois deste acontecimento, ele passa por três hospícios até chegar na Colônia Juliano Moreira, um "cemitério de mortos-vivos" como referiu-se o escritor negro Lima Barreto ao Hospital Nacional de Alienados (Birman, 2017, p. 789). No ano da contenção de Bispo, o Brasil vivia o ápice do eugenismo. Na década de 1930, esse movimento desenvolvia-se na sociedade brasileira e marginalizava uma gama social relevante de despossuídos como os "alienados e anormais acometidos pela loucura", trancafiando-os em instituições disciplinares sob condições sub-humanas.

Depois da noite de 24 de dezembro de 1930, Bispo passou mais de 50 anos no Hospício fabricando a sua arte através de peças encontradas nos lixos. Dos resíduos profanos da sociedade de consumo, fez-se a sua matéria-prima. Arthur Bispo do Rosário fabricou mais de 800 obras, com a crença mística de que tinha recebido uma missão divina: catalogar e classificar todo material existente no mundo para restituí-lo ao reino inclassificável de Deus. Dessa forma, Arthur Bispo do Rosário "compôs uma espécie de enciclopédia particular, ao mesmo tempo afinada com a existência da ordem e aberta à criatividade da memória e da imaginação" (Maciel, 2009, p. 32). Através da sua enciclopédia particular, inventariou o mundo, caracterizando-o pela

falta da firmeza lógica das suas estruturas. Por meio de uma subjetividade disruptiva, desafiou os sistemas de classificação presentes no mundo consciencioso da ciência. O exemplo de Bispo demonstra como os sistemas de classificação são frágeis, arbitrários, contextuais e incompletos, quando vistos desde um ponto de vista marginal ao normal estabelecido.

Crente de ser um emissário de Deus, Bispo do Rosário não tinha por objetivo criar métodos sistemáticos de classificação, ao contrário, sua principal intenção era reunir e inventariar o mundo visando construir uma segunda "arca de Noé", através dos materiais profanos encontrados nas ruínas do mundo.

Figura 5 – Fichário de Arthur Bispo do Rosário


10.033. bolça pintada de vernis preta 24 por 20
4.027. folha de flandres 16cms, liso no centro e furado nos extremos
690. pratos de papelão para doce com frisado
12.026. modes livre absorvente para uso das moças marca Johnson
10.016. calça cor bege pra mulher de luxo
13.018. caixas palitos para usar em cima de mesa restaurante pensão hotel
11.012. sabonete cinta azul perfumado usado no banho
13. 021. abridor tampa garrafa – coca-cola fanta crush soda água
7.011. pastas dental – molhe a escova água bote um poco de creme esfregue nos dentes
13.02. espelhos pequenos para usar nos dias de festa de reis
12.012. porta seios para moça – marca millus
8.02. suporte para proteger vidro do holofote
570. papel entre duas páginas limpas – escreva com lápis
12.017. sandalia cor castanho de couro – sola de borracha
8.027. retalhos de pano com varias cores tipos[2]

Fonte: Maria Esther Maciel (2009, p. 34).

Como visto na figura 5, a enciclopédia de Bispo é atravessada pelas referências da cultura nordestina e afro-brasileira. O ato de classificar de Bispo não segue uma ordem lógica e hierárquica como em Dewey e Otlet, porém, assim como os classificacionista bibliográficos, ele emprega as suas crenças e percepções do mundo, com o objetivo de catalogar o mundo.

> O inventário de Bispo, em suas íntimas tensões entre ordem e desordem, evidencia – ainda que involuntariamente – tanto o caráter inesgotável e fragmentário do que busca representar, quanto o caráter arbitrário dos sistemas que, em nome da cientificidade, foram e têm sido construído para categorizar a multiplicidade das coisas e conhecimentos do mundo (Maciel, 2009, p. 33).

Assim, entendemos que o inventário de Bispo liga, inconscientemente, a ordem e a desordem, os artefatos aos nomes, os bordados às coleções, os restos de coisas descartáveis às descrições náuticas, geográficas e seus desenhos, "isto porque seu inventário – ao se furtar aos critérios de seletividade necessários à montagem de uma enciclopédia convencional – abre-se ao excessivo e ao incontrolável, o que torna toda tentativa de se analisar os seus 'bens' um exercício também de imaginação" (Maciel, 2009, p. 33).

Conforme observado por Dantas (2009), Bispo empregava a catalogação como parte integrante da sua prática de produção de bordados. Isso resultava na criação de um registro abrangente de todas as suas obras, permitindo desenvolver várias delas simultaneamente. Além disso, ele fazia uso da classificação como uma estratégia para organizar e recuperar seus objetos no reino dos céus.

6 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa se caracteriza pela sua natureza qualitativa. A abordagem qualitativa tem por objetivo interpretar as causas e motivos dos fenômenos estudos sem derivar em dados quantitativos. Segundo Nunes (2021, p. 13): "a pesquisa qualitativa apresenta a possibilidade da investigação das subjetividades, o que foi durante muito tempo evitado pela ciência, dada a aplicação universal do positivismo na explicação de todos os fenômenos, quer naturais ou sociais".

Por finalidade, esta é uma pesquisa exploratória, visto que segundo Gil (2002, p. 41-42), tem como objetivo familiarizar-se com a compreensão do problema e suas vertentes. O procedimento metodológico da pesquisa foi o comparativo, em específico, teve por intenção comparar os elementos lógicos das classificações científica (Bacon), bibliográfica (Dewey) e documentária (Otlet) com a pretensão classificacionista redentora de Arthur Bispo do Rosário. A coleta de dados ocorreu via pesquisa bibliográfica nas seguintes plataformas de publicações acadêmico-científicas: i) Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci) e ii) Portal

Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr). Através dos seguintes descritores: classificação, organização do conhecimento, classificação bibliográfica, representação temática, Arthur Bispo do Rosário (entre aspas). Por haver uma lacuna temática na Brapci em relação a Arthur Bispo do Rosário e este ser um criador cuja obra atravessa as pesquisas de inúmeros campos acadêmico-científicos, decidimos por incluir o Oasisbr para a inserção de maior relevância na busca e recuperação dos materiais informacionais.

7 ENTREATOS DA CLASSIFICAÇÃO: UM COMPARATIVO DO INVENTÁRIO DO MUNDO COM A ORDENAÇÃO CIENTÍFICA DO UNIVERSO

A classificação em Francis Bacon tinha por pretensão ordenar em um plano de classificação as ciências modernas. O Novo Órganum e a Casa de Salomão propostos por Bacon (1979) visavam estabelecer a autonomia do novo instrumental de conhecimento, as ciências modernas, através de um lugar para o desenvolvimento das pesquisas científicas sobre as "coisas naturais" presentes no livro da natureza. Portanto, a classificação das ciências era uma projeção organizativa para a interpretação da natureza, a posterior descoberta das formas e o almejado progresso da humanidade (Bacon, 2006).

Seguindo os traços modernos da proposta de Bacon, mas atualizando para a finalidade da organização lógica e física dos conhecimentos nas bibliotecas, Mevil Dewey, a partir da característica pretensamente universal do princípio enumerativo da decimalidade e da aplicação baconiana para as bibliotecas de T. Harris, criou o seu próprio esquema de classificação que primava pela eficiência dos produtos e serviços bibliotecários. Apoiado pelos avanços tecnológicos do final do século XIX e pelas transformações dos materiais bibliográfico-informacionais, Paul Otlet, por meio do código de classificação bibliográfica de Dewey, propôs uma adaptação mais plástica que agregasse outros formas documentárias e lançou, ao lado de Henri La Fontaine, a Classificação Decimal Universal (CDU).

Uma vez que, para o processo de classificar se torne coerente, eficaz, sustentável e credível, deve ser alicerçado num conjunto de princípios que, ao longo de todo o processo, assumam uma função de referência (Simões, 2011, p. 38). Segundo o Sayers (1950, p. 79), citado por Lima (2021, p. 2003), a classificação tem o significado de:

> (a) o processo mental pelo qual nossos conceitos mentais são reconhecidos por ter semelhanças ou unidade, e por essa relação ou unidade são

> estabelecidas as relações uns com os outros. Esse é um significado lógico e real; (b) o ato de organizar coisas reais, de modo que representem o arranjo abstrato. Isso é uma classificação prática; (c) uma tabela escrita ou impressa de termos que representam um sistema de classificação. Isso é chamado de esquema de classificação; (d) o ato de colocar as coisas ou livros em seus lugares apropriados a partir do uso de um esquema de classificação. Isso é classificar (Sayers, 1950, p. 79 *apud* Lima, 2021, p. 2003).

A partir desta definição clássica de classificação, podemos sistematizar por meio do pensamento de Hope Olson (1999) que o processo de classificar parte de, ao menos, três categorias centrais: i) exclusividade, ii) teleologia e iii) hierarquia. A exclusividade é também conhecida como princípio da exclusividade mútua ou da não contradição. Em uma classificação sistemática, as categorias são mutuamente exclusivas, não habitam a mesma relação, ou seja, ou é, ou não é. Esse princípio visa retirar da linguagem classificatória, a ambiguidade, definindo desse modo onde um conceito inicia e se encerra, e instaurando o dualismo entre as semelhanças e diferenças entre as classes. A teleologia está associada a progressão linear em direção a um determinado objetivo, por exemplo, como em Francis Bacon, o progresso do conhecimento e da humanidade, como em Dewey, a organização eficiente dos acervos bibliográficos, ou ainda, como em Otlet, a organização dos diferentes documentos para a composição do Repertório Bibliográfico Universal e a formação das redes internacionais de informação e documentação para a pacificação do mundo através do conhecimento. Se da exclusividade mútua nasce um dualismo, o resultado da teleologia é um determinismo. Por fim, o último dos princípios levantados por Olson é a hierarquia. As classificações ocidentais foram erguidas tanto por um princípio de separação e distinção entre os diferentes seres e entes, isto é, por divisão lógica, quanto por um princípio de dominação de algumas classes (gerais/pré-coordenadas) sobre outras (específicas/subordinadas). A hierarquia visa diferenciar para distinguir ao máximo as características do que está sendo classificado, tornando-as, desta maneira, únicas (reducionismo).

Portanto, a partir dos três pressupostos demarcados por Hope Olson, Simões (2011, p. 38-47) assinala para alguns padrões comuns a diferentes sistemas de classificação. No quadro 1 abaixo, elencamos um conjunto de categorias classificatórias racionais.

Quadro 1 – Categorias da razão classificatória

Categorias	Descrição das categorias
Qualidade da análise	Análise do Objeto se irá receber um código de classificação.
Interesse do utilizador (características do acervo bibliográfico)	Identificação das características de quem irá utilizar o material classificado para uma melhor recuperação e características do código utilizado para classificação.
Especificidade e Exaustividade	Qual o nível de especificidade e exaustividade para uma melhor recuperação.
Simplicidade formal	O código utilizado para uma recuperação do objeto deve ser o mais simples possível para uma melhor recuperação.
Persistência e relevância	O código utilizado precisa ser simples e seja também um código com valor informativo.
Enquadramento temático	O objeto classificado deve estar classificado na categoria do conhecimento que foi criado.
Síntese	O código utilizado precisa representar o conteúdo do objeto classificado de forma simples e resumida.
Coerência e uniformidade	Para uma classificação coerente e uniformes, é preciso utilizar o mesmo código nos objetos com mesmo assunto ou assuntos semelhantes, para não haver uma inconsistência no catálogo.
Estabelecimento de relações intra-linguagens e inter-linguagem	Para uma melhor recuperação e consistência do catálogo, será importante estabelecer elos entre os termos, assim haverá uma melhor recuperação da informação.

Fonte: adaptado de Simões (2011, p. 38-47).

Através dos marcos racionalistas da classificação, comparamos os artifícios dissidentes do ato de classificar em Arthur Bispo do Rosário. A classificação do artista sergipano representava o seu cotidiano privativo de práticas redentoras na Colônia Juliano Moreira como argumenta Hidalgo (2011, p. 134): “Bispo preferia ficar no abrigo, encaixado em seu universo privativo de cores e tons, à espera da morte. Uma morte que para ele seria dialeticamente a vida, a validação de seu outro mundo”. Longe das grandes técnicas das belas-artes ocidentais como a pintura, a escultura e a arquitetura, Arthur Bispo do Rosário inventariava o mundo, por exemplo, através dos bordados. Por meio de suas obras, Bispo bordava as desimportâncias do mundo em suas ruínas visando apresentá-las de modo redentor a Deus no dia do juízo final. Abaixo um “inventário do mundo” nomeado, ao modo de alerta, como: “Cuidado Veneno”.

Figura 6 – Cuidado Veneno – O inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário

Fonte: Durão (2017, p. 329) da Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea.

O guia da arca do inventário do mundo estava sendo bordado para as rendas do dia pós-apocalíptico de amanhã, quando o novo mundo se abrisse “sem treva, planalto ou precipício, sem doença mental, miséria ou tristeza” (Hidalgo, 2011, p. 20) e a realização do reino dos céus acontecesse. Deste modo, seguindo procedimentos enciclopédicos de reunião de coisas e saberes profanos (Maciel, 2009), Arthur Bispo do Rosário catalogou e classificou as coisas do mundo em fichários para restituí-las ao reino dos céus.

> Monumental tarefa: inventariar o universo para apresentá-lo diante de Deus `no dia próximo'. Ele aguarda uma `ação corporal' que o deixará `brilhoso', então estará pronto; e diz que os seus trabalhos permitirão a sua transformação. Não posso deixar de pensar que Bispo se prepara para a morte (Burrowes, 1999, p. 68).

A classificação antissistemática apresentada na obra “Cuidado Veneno”, possui, talvez, uma mensagem oculta de “veneno”, em seu duplo sentido grego de *pharmákon*, o veneno que nos levará ao ocaso – a morte, em Bispo – é também aquele que porta consigo a “cura” – o reino

dos céus, em Bispo. A droga que devasta e, ao mesmo tempo, acalma o alienado Arthur Bispo na Colônia Juliano Moreira é um veneno remédio, o fármaco que possui o poder de retirar as impurezas e guiar ao tão aguardado momento da passagem. Essa função farmacêutica apresenta-se no inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário. Seu processo de classificação e construção notacional, assim como as suas descrições catalográficas dos itens, apesar de não seguir a lógica hierárquica comum nas classificações ocidentais, representam um inventário da vida material, relatando assim como a vida em sociedade e os objetos do seu cotidiano demarcam um modo de existência secular que, aos olhos de Arthur Bispo do Rosário, precisa ser redimida de seu pecado original e alçada ao reino dos céus.

Perante o seu desejo escatológico, as notações em Bispo do Rosário – os números atribuídos às coisas decaídas do mundo – eram notações redentoras, isto é, não tinham como nas classificações científicas (Bacon), bibliográficas (Dewey) e documentárias (Otlet) a finalidade de assinalar um lugar lógico e empírico de disposição do conhecimento e guarda de materiais no mundo ou nas instituições. A aspiração de Bispo do Rosário era através dos números notacionais, redimir as coisas e notificar os seus respectivos lugares na "Cidade de Deus" (Agostinho, 2006). Nas palavras de Marta Dantas (2009, p. 156): "no caso de Bispo, a etiqueta é mais do que mero exercício da linguagem, mais do que uma redundância, é um método de catalogação; o número faz parte da ordem oculta estabelecida pelo criador na organização de seu cosmo."

Construindo seus fichários e estabelecendo índices enumerativos (notações), Arthur Bispo do Rosário visava recuperar os objetos e os modos de realização no novo mundo. Bispo, por exemplo, demarca com o código "434", o modo como eu deve fazer um muro no fundo da sua casa" (Hidalgo, 2011, p. 165). Assim a classificação de Bispo não é para ser utilizada neste mundo secular como a CDD ou CDU, por exemplo, mas, sobretudo, para ser utilizada no seu mundo ideal, no qual não existe nenhum sofrimento e ele será o Rei. Por isso, para Bispo tudo não passa de uma representação do mundo para apresentação a Deus e registro para a construção do seu mundo, onde não existirá mais sofrimento.

Não eram apenas coisas que deveriam ser sacralizadas e redimidas, pessoas também compunham o inventário do mundo. Bispo criou uma organização em fichários com nomes das pessoas que deveriam ser salvas. Dispostos em vitrines, os nomes das pessoas-objetos eram geralmente separados por gênero, possivelmente para identificar a cor da sua aura. Boa parte

dos nomes eram de mulheres que faziam ou fizeram parte do seu cotidiano ou que ele eventualmente veio a conhecer.

Figura 7 – “Vitrine-fichário” – tiras de linho com o nome dos "escolhidos"

Fonte: Dantas (2009, p. 214).

Em complemento, Dantas (2009, p. 160) argumenta:

> Não eram somente as coisas passivas de catalogação, nomes de ruas e pessoas que deveriam acompanhá-lo no dia da ‘passagem’, como é apresentado na Vitrine-fichário. Nesse trabalho, ele não só literalizou as coisas e coisificou a linguagem mas, também, pessoas, como bem observou Quinet (1998, p.11). Em várias peças que produziu, Bispo escreveu o nome de Rosângela Maria, transformando-a em um objeto-pessoa, em mais uma coisa que ele deveria apresentar a Deus no dia do julgamento final. Sua aventura em repetir o gesto

> criador de cosmisar o caos beirava a obsessão, mas parece ter se operado dentro de uma mística.

Como referido anteriormente, Bispo bordava o nome das mulheres, identificava a sua função e qual a cor da sua áurea. Para adentrar no seu ateliê primeiro era feito alguns questionamentos sobre algumas das suas crenças, uma delas era a cor da sua áurea, que para Bispo a dele tinha a cor azul, se a pessoa respondesse errado o questionamento não podia entrar na sua cela, a qual guardava com todo cuidado seus materiais. Como um homem emblemático, ficam alguns questionamentos sobre a sua fixação sobre o azul. A cor estava presente em muitos dos seus trabalhos e na sua áurea. O azul estava presente antes de entrar no hospital, por conta da cor do mar, estava também no uniforme que ele utilizava na marinha e, além disso, nos uniformes que ele utilizava no hospital. Vale relembrar que as suas obras eram criadas a partir de objetos encontrados no lixo, trocas de materiais com outros internos, como, por exemplo, assinala Durão (2017, p. 328) para as obras “Cuidado Veneno” e “Vitrine-fichário”, estas foram criadas revestidas com um fio azul, retirado de seu próprio uniforme e de diversos objetos decompostos da sua vestimenta manicomial. Em algumas das suas obras, Bispo também traz referências à religião de matriz africana, como na vitrine de Iemanjá, que ele se afeiçoa pelos colares de conta, por ser a padroeira dos marinheiros e por suas vestes azuis.

Através da classificação de Arthur Bispo do Rosário, retomamos às razões classificatórias presentes nas classificações científicas (Bacon), bibliográficas (Dewey) e documentárias (Otlet) com o objetivo de comparar as adequações e inadequações presente nelas. Apesar das desorientações da alienação de Bispo do Rosário, o artista sergipano fez da sua redentora classificação, um objeto de reorientação para o reino que virá.

> Para fundar o seu mundo, Bispo fixou limites, estabeleceu uma ordem, enumerando, catalogando coisas e hierarquizando-as; trabalhou para tornar um cosmo o que lhe parecia caótico. Neste mundo onde a normalidade é doente, afirma Delacampagne (1974, p.165), o louco é o homem são que tenta, para se recuperar, recuperar as coisas, fixá-las, uma a uma, no seu lugar: ‘Um lugar para cada coisa, e para cada lugar uma coisa’. (Dantas, 2009, p. 157-158).

No quadro 1, onde apresentamos as razões classificatórias, a primeira delas é a qualidade da análise. Esse princípio visa criar uma correspondência consistente entre o tema do

objeto e o código de classificação (notação). Em Bispo do Rosário, o elemento místico é o caracterizador da sua classificação, logo essa correspondência não estará regida pelo princípio da precisão, pois o seu código de classificação projeta para o objeto um lugar transcendental no reino dos céus, portanto, um local simbólico, impreciso e metafísico. Não há nenhuma tabela sistemática ou analítica em Bispo do Rosário que faça a correspondência entre as notações e as respectivas descrições dos objetos, pois a ordem entre ambos é divina e nos escapa enquanto mortais.

As três razões classificatórias seguintes estão associadas à recuperação dos materiais, em especial, nas bibliotecas e centros de documentação: i) interesse do utilizador, ii) especificidade e exaustividade, e iii) a simplicidade formal. A recuperação dos objetos, pessoas e gestos (ações) em Bispo do Rosário está relacionada à uma ordem porvir, redimida, diversa das impuras ordens classificatórias dos humanos, maculados pelo pecado original. O utilizador/usuário da poética de Bispo do Rosário estará transfigurado por uma nova identidade; a especificidade, exaustividade e simplicidade transmitidas pelo inventário do mundo de Bispo do Rosário estão à serviço de um reencontro após o juízo final, portanto, não estão submetidas à uma organização física e lógica do conhecimento, visto que não há fisicalidade no paraíso e a lógica de Deus está para além da lógica dos humanos.

> Essa poética [da catalogação] está presente na obra de Bispo. Ela não consistia num meio de escapar à realidade que o cercava, não era uma fuga, mas revela o desejo de liberdade do criador para sonhar, imaginar disposições diferentes, organizações outras, para que nela pudesse se encontrar e estabelecer outros sentidos. Ela é a enumeração e a organização do diferente à luz de um motivo unificador o inventário das coisas do mundo dos homens para o dia da 'passagem' em busca de uma nova ordem, construção de uma nova identidade (Dantas, 2009, p. 159).

O critério classificatório da persistência e relevância em Bispo do Rosário encontra-se fielmente preservado, assim como o seu caráter sintético e condensado. Há um compromisso divino e persistente em informar de modo relevante e representativo as ruínas do mundo humano. Restituir as coisas ao seu valor divino é uma ou, talvez, a grande tarefa assumida pelo inventário do mundo de Arthur Bispo do Rosário. As últimas razões classificatórias possuem inadequações com a perspectiva de Bispo do Rosário, visto que i) não se sabe precisamente se o enquadramento temático dos saberes terranos assim como a sua coerência e uniformidade

serão correspondentes com as novas identidades do mundo pós-apocalíptico, e, por fim, ii) o estabelecimento de relações linguísticas internas e externas em seu plano de classificação decaído não possui harmonia com a linguagem adâmica, pura e perfeita, do reino dos céus.

Portanto, sob o sentido comparativo das razões classificatórias apresentadas no quadro 1, o inventário do mundo de Bispo do Rosário atende parcialmente a três das nove razões: qualidade da análise, persistência e relevância, e síntese. Por ser antissistêmico e estar atrelado à figuração transcendental de um outro mundo, a classificação de Bispo do Rosário é dissidente, posto que o lugar – objeto por excelência das classificações – assinalado pelas notações do artista sergipano não possui referência no mundo dos mortais. A classificação de Bispo do Rosário inventaria o mundo profano dos mortais e (re)estabelece misticamente um lugar para os objetos, pessoas e gestos humanos no reino dos céus. Neste sentido, a classificação do fim do mundo de Arthur Bispo do Rosário é, em sentido etimológico originário, religiosa, pois visa re-ligar (*relegere,* palavra de onde vem o termo religião) o mundo dos mortais ao reino dos céus.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou investigar a abrangência do conceito de classificação para além das dimensões científicas, bibliográficas e documentárias. A pesquisa responde ao seu questionamento partindo do pressuposto que Bispo possuía um objetivo de recuperação, mas fundada na desrazão, na desordem e na desorientação linguística do mundo. Seu plano de classificação está esquematizado visando classificar seus objetos para a recuperação no mundo ideal de Deus. O sistema de Francis Bacon nasceu com um propósito semelhante ao de Bispo do Rosário: redimir os saberes dos mortais ao reino dos céus (Hirata, 2023). Entretanto, a redenção para Bacon viria através das descobertas científicas que ensejariam no aprendizado das letras do alfabeto presente no livro da natureza escrito por Deus. Ainda que fortemente marcados pela cultura cristã de organização das coisas do mundo[1], os sistemas de classificação de Dewey e Otlet nasceram com o objetivo de organizar e recuperar os materiais bibliográficos

[1] Mevil Dewey justifica a disposição das classes principais da Classificação Decimal de Dewey (CDD) a partir de um diálogo apologético entre o gênesis bíblico e o desenvolvimento das ciências modernas. As primeiras classes expressam as referências dos saberes ocidentais, seus campos de orientação (classe 000), de pensamento (classe 100) e de culto (classe 200). A partir da classe 300, os conhecimentos representados começam a interagir com as organização cientificistas do mundo.

e documentários presentes nas instituições informacionais: organizar para recuperar e satisfazer as necessidades dos usuários. Para Bispo, um homem negro, originário do nordeste, filho de ex-escravizados e alienado pelos saberes da normalidade, o mundo foi demasiado severo e, das pancadas do mundo, sua poética do delírio rumou para uma teleologia dissidente: organizar o mundo para o seu fim. A recuperação dos seus materiais não se daria aqui, no mundo dos mortais, mas no aconchego da casa de Deus.

Como toda obra traz uma particularidade, as obras de Bacon, Dewey, Otlet e Bispo não são diferentes. A obra de Bispo apresenta as suas raízes nordestinas, as suas experiências de vida, a obra Bacon rememora a antiguidade clássica para renovar os saberes a partir do conhecimento científico emergente na modernidade, a obra de Dewey apresenta o desejo de organização e eficiência das bibliotecas, visando a transformação econômicas das práticas profissionais bibliotecárias e, por fim, a obra de Otlet retrata a intenção internacionalista e pacifista do documentalista em meio à o bélico mundo europeu atravessado por guerras. Com isso podemos dizer que essas obras estão marcadas pelas vivências biográficas das suas autorias. Em nosso caso específico, quando pesquisado sobre a classificação de Bispo do Rosário, podemos dizer que ele não se considerava um artista, uma vez que tinha a intenção de produzir um inventário do mundo para apresentar a Deus, sem objetivos econômicos, “pois ganhar dinheiro era para ele algo inaceitável e até mesmo indigno, já que seria algo impuro” (Birman, 2017, p. 794). Ao abordar o trabalho de Bispo não se pode deixar de citar o seu diagnóstico de doença mental o qual foi determinante para sua história. Como um homem à margem da sociedade, Arthur Bispo do Rosário utilizou dos seus delírios para ressignificar a sua existência. Por meio da criação com as próprias mãos de seus objetos, buscou a sua cura interior e o sentido para a sua vida, contando a sua história, em grande parte, através do bordado, marco cultural de Japaratuba, presente até os dias atuais.

Portanto, o ato de classificar em Arthur Bispo do Rosário é dissidente das pretensões classificatórias de Bacon, Dewey e Otlet. Destinadas ao cientista (Bacon), ao bibliotecário (Dewey) e ao documentalista (Otlet), as classificações abordadas estão endereçadas ao proveito e ao desenvolvimento da humanidade. A classificação de Bispo do Rosário estava endereçada a Deus, destinada à apresentação no reino dos céus após o dia o juízo final. Suas numerações indicavam o lugar de cada coisa, pessoa ou gesto ao lado do Salvador. Pronto e vestido com o manto da graça, restituiria as coisas aos seus valores de uso original, antes da queda adâmica.

Em seu encontro com a morte, não estaria em cena o fim definitivo, mas o marco para a verdadeira vida que então se iniciava, após uma estadia de provações e sofrimentos causados pelo pecado original.

Figura 8 – Manto de Apresentação

Fonte: Dantas (2009, p. 232).

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus.** Lisboa: Fundação Calouste, 2006. v. 1.

ANJOS, Liane dos. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia:** uma visão histórica conceitual com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. 2009. Tese (Doutorado em Ciência e informação) – Escola de comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.27.2009.tde-10112010-114437. Acesso em: 20 jul. 2023.

BACON, Francis. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. São Paulo: Abril, 1979.

BACON, Francis. **O progresso do conhecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BACON, Francis. Valerius Terminus: Of the interpretation of nature. *In*: SPEDDING, M.; ELLIS, R.; HEATH, D. (ed.). **The Works of Francis Bacon**, v. III. Londres: Cambridge University Press,1857. p. 215-252.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica.** Rio de Janeiro: Ibict, 1969.

BIRMAN, Joel. A voz de Deus e as mãos de Bispo: a arte da loucura na escrita pictórica de Arthur Bispo do Rosário. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund**., São Paulo, 20(4), 786-805, dez. 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n4p786.12. Acessado em: 03 fev. 2024.

BURROWES, Patrícia. **O universo segundo Artbur Bispo do Rosário**. Rio de janeiro: Ed. FGV, 1999.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário**: a poética do delírio. São Paulo: Unesp, 2009.

DURÃO, Fabio Akcelrud. Arthur Bispo Do Rosário: A Artimanha Da Arte Brasileira. **Revista Versalete**, Curitiba, Vol. 5, nº 9, jul.-dez. 2017. Disponível em: http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol5-09/18%20Professor%20convidado.%20F%C3%A1bio%20Dur%C3%A3o.%20Arthur%20Bispo%20e%20a%20a%20artimanha.pdf. Acessado em: 05 fev. 2024.

FREITAS, L. S.; MORAES, R. P. T. Melvil dewey – entre o dito e o não dito: sujeito e historicidade do campo informacional. **Liinc em revista**, v. 14, n. 2, 2018. DOI: 10.18617/liinc.v14i2.4309. Acesso em: 29 mar. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed., São Paulo: Atlas, 2002.

JEHA, Silvana. Arthur Bispo do Rosário: Uma história do inconsciente brasileiro. Youtube, 2023. 58:58. Disponível em: https://youtu.be/PmNquB-_4OA?si=Hroo5REDjPx0jZCP. Acessado em 03 fev. 2024.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário**. 2 ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

HIRATA, Celi. Francis Bacon e a imagem do livro da natureza. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 46, n. 4, p. 75-98, Out./Dez., 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed., São Paulo: Atlas, 2020.

LIMA, G. N. B. O. Gênesis da classificação: uma análise de conteúdo a partir da definição. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 26, n. 1, p. 197-237, 2021. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/158573. Acesso em: 16 ago. 2023.

MACIEL, Maria Esther**. As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. **Revista África e Africanidades**. Salvador. n. 4, 2009. Disponível em: https://www.africaeafricanidades.com.br/documentos/A_organizacao_do_etnoconhecimento.p df. Acessado em: 01 fev. 2024.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **Metodologia científica universitária em 3 tempos**. São Cristóvão, SE : Editora UFS, 2021. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14940. Acesso em: 29 set. 2023.

OLSON, Hope A. Exclusivity, Teleology and Hierarchy: our Aristotelean Legacy. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 26, n. 2, p. 65-73, 1999.

PIEDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. ver. E aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. Leituras. **Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, nº 2, 1998, pp. 19-33. Disponível em: https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/investigacao/opombo-classificacao.pdf. Acessado em: 27 jul. 2023.

SALES, R. A classificação de livros de william torrey harris: influências de bacon e hegel nas classificações de biblioteca. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 22, n. 50, p. 188-204, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n50p188. Acesso em: 29 mar. 2023.

SIMÕES, Maria da Graça**. Classificações bibliográficas**: percurso de uma teoria. Coimbra: Almedina, 2011.

SIQUEIRA, J. C. O conceito classificação: uma abordagem histórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.6, n.1, p. 37-49, 2010. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1638. Acesso em: 01 out. 2023.

ZAFALON, Z. R.; SÁ, M. N. Mundaneum e biblioteca digital mundial: relações possíveis?. **Em Questão**, v. 25, p. 216-242, 2019. DOI: 10.19132/1808-5245250.216-242 Acesso em: 29 mar. 2023.